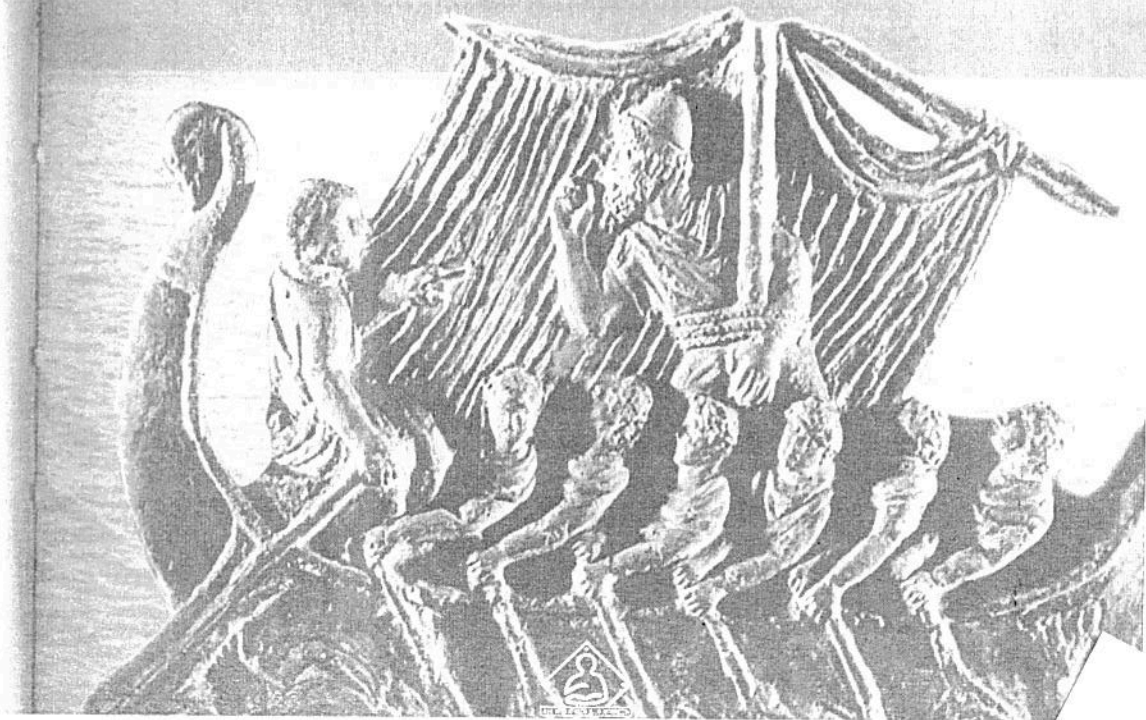


# ODISSÉIA HOMERO

5ª Edição



Copyright da tradução © by Ediouro Publicações S.A.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,  
sem autorização prévia, por escrito, da editora.

*Coordenação editorial:* Sheila Kaplan

*Produção editorial:* Jaqueline Lavôr

*Revisão de tradução:* Marcus Reis Pinheiro

*Revisão:* Sandra Pássaro e Gabriela Varanda

*Capa:* Ana Carla Cozendey

*Editoração eletrônica:* Carlos Alberto Rios e Marcelo Visou

*Produção gráfica:* Armando P. Gomes

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H7260	Homero Odisséia / Homero ; tradução Carlos Alberto Nunes. — Rio de Janeiro: Ediouro 2002 ISBN 85-00-00771-0 1. Poesia grega. I. Nunes, Carlos Alberto, 1897. II. Título. CDD 883 CDU 875-3
00-1547	

02 03 04

8 7 6 5

#### EDIOURO PUBLICAÇÕES S/A

##### Rio de Janeiro

Sede, Deptº de vendas e expedição  
Rua Nova Jerusalém, 345 – CEP 21042-230 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3882-8240 / 8323 / 8284 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313  
E-mail: livros@ediouro.com.br

##### São Paulo

Av. Bosque da Saúde, 1432 – Jardim da Saúde – CEP 04142-082 São Paulo – SP  
Tel.: (11) 5589-3300 – Fax vendas: (11) 5589-3300 – ramal 233  
E-mail: ediouro@ediouro.com.br / E-mail Vendas: vendas@ediouro.com.br  
Internet: www.ediouro.com.br

## SUMÁRIO

### PREFÁCIO

#### Nota do revisor

Canto I: Assembléia dos Deuses, Conselhos de  
Atena a Telêmaco e Festa dos Pretendentes ..... 27

### PARTE I – A Viagem de Telêmaco

Canto II: A Assembléia em Ítaca e a partida de Telêmaco ..... 41  
Canto III: Em Pilo ..... 55  
Canto IV: Na Lacônia e a Emboscada dos Pretendentes ..... 71

### PARTE II – OS RELATOS NA CASA DE ALCÍNOO - ODISSEU NA ILHA DE CALIPSO E NA FEÁCIA

Canto V : A caverna de Calipso e a balsa de Ulisses ..... 97  
Canto VI: Odisseu chega à Feácia ..... 113  
Canto VII: Entrada de Odisseu na casa de Alcínoo ..... 123  
Canto VIII: Recepção de Odisseu pelos Feácios ..... 135

## Canto VIII

### Recepção de Odisseu pelos Feácios

“Faz-se uma assembléia dos Feácios acerca do estrangeiro e um navio é preparado para enviar Odisseu. Os nobres Feácios jantam na casa de Alcínoo. Depois disso, os Feácios e Odisseu competem com o disco. Então, Demódoco canta primeiro acerca do *Adultério de Ares e de Afrodite*, depois acerca da entrada do *Cavalo de Madeira*. Odisseu chora e Alcínoo pergunta por que ele chora, quem ele é e de onde vem.” (Scholie H V)

Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,  
prestes do leito se ergueu o poder consagrado de Alcínoo  
e, juntamente, o divo Odisseu eversor de cidades,  
a quem servia de guia o poder consagrado de Alcínoo  
para o conselho, na praça, que perto das naus construía.  
Todos se foram sentar nos assentos de pedra polida,  
bem juntos. Palas Atena, no entanto, percorre a cidade  
sob a exterior aparência do arauto de Alcínoo sensato,  
determinada em mandar o divino Odisseu para casa.

10E, apresentando-se a todos, dizia-lhe estas palavras:

“Ide, Feácios, que sois conselheiros e guias do povo, ide ao conselho, na praça, porque conheçais o estrangeiro, hóspede novo de Alcínoo prudente, depois de jogado no vasto mar, sem destino. Parece um dos deuses eternos.” Essas palavras em todos o ardor e o desejo excitavam.

Logo se encheram os bancos da praça de gente, que vinha de toda parte. Forçoso lhes era admirar, espantados, o filho astuto de Laertes, porque pelas largas espáduas graça divina derrama-lhe Atena e por sobre a cabeça,

20forte e mais alto deixando-o que um homem, de bela aparência, para que fosse possível tornar-se estimado de todos, considerado e temido, e também vencedor nos certames múltiplos, quando os Feácios quissem medir-se com ele.

Logo que se reuniram e juntos os viu na assembléia, disse aos presentes Alcínoo, arengando, as seguintes palavras:

“Ora escutai-me, Feácios, que sois conselheiros e guias, quanto vos digo e no peito me ordena falar-vos o espírito. Este estrangeiro que vedes – ignoro-lhe o nome – buscou-me, ou do nascente errabundo, ou dos homens que ficam no ocaso.

30Súplice pede que à pátria o enviemos por modo seguro.

Como de nosso costume, aprestemos-lhe logo a partida.

Nunca pedinte nenhum, tendo vindo ao palácio em que habito, dele magoado sairá, por lhe havermos negado retorno.

Eia! Nau negra lancemos, sem mora, à corrente divina, nova e sem uso. Cinquenta e mais dois marinheiros se escolham entre os da classe do povo; os melhores e mais comprovados.

Logo que os remos fixados tiverdes em todos os bancos, vinde de novo. Depois preparai, sem demora, o banquete dentro da minha morada, que a todos contente ofereço.

40Isso aos rapazes inculco; mas vós, ó cetrados regentes, todos deveis reunir-vos no belo palácio em que habito, para que o hóspede seja por modo condigno acolhido.

Não se recuse ninguém. Mandai vir o divino Demódoco, o aedo que obteve os deuses poder deleitar-se com a música,

como lhe pede o furor, que no peito a cantar o estimula.”

Tendo isso dito, se ergueu; os cetrados regentes o imitam, sem exceção, ao divino cantor foi buscar logo o arauto.

Tal como fora ordenado, cinquenta e mais dois escolheram moços do povo, que a areia do mar infecundo já pisam.

50Logo que foram chegados ao mar e ao navio, puxaram para bem longe da praia, em mar fundo, essa nau de cor negra. Mastro lhe fixam: depois, neste, a vela, cuidando, em seguida, de nos toletes os remos prender com estropos de couro, tudo de acordo com as regras, e a cândida vela desprendem.

Longe da praia ancoraram; depois, sem demora, de novo para o palácio esplendente se foram, de Alcínoo sensato.

Pórticos, salas e pátios de gente infinita se encheram, velhos alguns, outros moços, que muitos ao paço afluíram. Ordens tiveram do rei de matar doze nédios carneiros, oito cevados de dentes recurvos e dois bois tardinhos.

60Ledos lhes tiram os couros e o grato banquete adereçam.

Já pelo arauto trazido o cantor divinal se aproxima, que tanto a Musa distingue, e a quem males e bens concedera: tira-lhe a vista dos olhos, mas cantos sublimes lhe inspira.

Junto de uma alta coluna, em cadeira de enfeites de prata fê-lo Pontónoo sentar-se, no meio dos ledos convivas.

Prende-lhe o arauto o sonoro instrumento num gancho, que estava por sobre a sua cabeça, e lhe ensina aonde a mão levantasse para alcançá-lo. Coloca-lhe ao lado uma mesa e uma cesta,

70perto uma jarra com vinho, porque ele à vontade bebesse.

Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.

Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado, a Musa logo o incitou a falar sobre os feitos dos homens, gestas de heróis, cuja fama o alto céu, nesse tempo, atingira,

a dissensão entre Aquiles Pelida e Odisseu, tão falada, quando no lauto banquete dos deuses os dois se avieram com feios e ásperos ditos. Alegra-se no íntimo o chefe

de homens, o Atrida Agamémnone, ao ver que os melhores brigavam entre os Aquivos, que assim profetado lhe fora por Febo

80no templo sacro de Pito, ao transpor-lhe a soleira de pedra para a consulta. Este o ponto inicial das desgraças que sobre Dânaos e Teucros rolaram, segundo de Zeus o decreto. Isso narrava o famoso cantor. Odisseu, entrementes, com as mãos fortes o manto de púrpura para a cabeça puxa, encobrendo-a com o fim de esconder as feições majestosas. Envergonhava-se, sim, de que o vissem chorar os Feácios. Sempre, porém, que o divino cantor a canção terminava, ei-lo que o rosto de novo descobre, enxugando-lhe as lágrimas, e a taça em punho, adornada com alças, aos deuses oferta.

90Mas, se de novo retorna à canção, aplaudido e animado pelos mais nobres Feácios, a quem seu cantar comprazia, volta Odisseu a gemer, escondendo outra vez a cabeça. Dos convidados nenhum percebera que pranto vertia, com exceção só de Alcínoo, que atento notara o ocorrido, pois se encontrava ao seu lado e lhe ouvia os gemidos do peito. Logo a seguir os Feácios, amantes do remo, concita: “Ora escutai-me, Feácios, que sois conselheiros e guias; já temos todos saciado a vontade nos dons do banquete, como, também, nas canções, que acompanham os lautos repastos.

100Ora saíamos da sala e passemos às provas atléticas, para que possa o nosso hóspede, quando entre os seus encontrar-se, de volta à pátria, contar como em todos os jogos primamos, no pugilato e na luta, no salto e no rápido curso.” Diz e levanta-se; em massa os cetrados regentes o imitam. Foi pelo arauto num gancho prendido o instrumento sonoro; toma o cantor pela mão e o conduz para fora da sala, a percorrer o caminho, que todos os outros faziam dos mais notáveis Feácios, com o fim de admirar as disputas. Ei-los que vão para a praça, de povo infinito seguidos.

110Moços se aprestam em número imenso, de nobre prosápia. Alça-se Acrôneo, seguido do forte Nauteu e de Ocíalo, mais Elatreu, Eretmeu e Primneu; depois deste Anquíalo, Anabesíneo, Ponteu, depois desses Prooreu, o ágil Tóone e o guapo Anfíalo, filho do grande Políneo Tectônida.

Alça-se Euríalo, filho de Náubolo, herói de presença como a do deus Ares forte e que, após o viril Laodamante, entre os Feácios primava na forma exterior impecável. Três belos filhos de Alcínoo, de forma perfeita, se adiantam: Hálío, Clitôneo, que a um deus se assemelha, e o viril Laodamante.

120Pés, em primeiro lugar, exp’rimentam em rápidos cursos. Partem do ponto fixado e à carreira dão logo começo; rapidamente prosseguem, do solo a poeira se eleva. Prima entre todos no rápido curso o perfeito Clitôneo. Quanto consegue uma junta de mulas arar sem deter-se um sulco apenas, aos mais se avanta e da meta aproxima-se. Logo depois se exp’rimentam nas lutas, que dores produzem. Conquanto fortes, se viram vencidos os mais por Euríalo; salta mais longe que todos os outros rapazes Anfíalo; mas Elatreu vence a todos, com longe jogar o seu disco.

130No pugilato, o viril Laodamante, de Alcínoo nascido. Mas, depois que deleitaram com os jogos seus nobres espíritos, diz Laodamante, o viril descendente de Alcínoo, o seguinte: “Vamos, amigos, pergunte-se agora ao estrangeiro se sabe ou se aprendeu qualquer jogo. Seu todo não mostra ser fraco. Vede quão fortes as coxas e as pernas e, mais ainda, os braços; vede-lhe o forte pescoço, são mostras de força. Nem mesmo lhe falta o viço dos anos, senão que os trabalhos o abatem. Sim, não conheço mais duro trabalho, que a luta nas ondas; prostra qualquer que até então se prezasse de forte e robusto.”

140Disse-lhe Euríalo, então, em resposta as seguintes palavras: “Sim, Laodamante, estas tuas palavras são muito oportunas. Chama-o tu mesmo; aproxima-te e faze o convite adequado.” Logo que ouviu tal conselho, avançou para o meio do campo o que de Alcínoo nascera, e a Odisseu deste modo interpela: “Hóspede pai, exp’rimenta, também, vir medir-te conosco se qualquer jogo aprendeste; é forçoso que algum também saibas, que maior glória não há para um homem, enquanto está vivo, do que nas lutas das mãos ou dos pés sair sempre galhardo. Vamos! dissipa as tristezas do peito e abalança-te à prova.

150 Por muito tempo não tens que esperar o retorno, que a nave  
já está provida e no mar, e escolhidos os teus companheiros.”  
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:  
“Qual, Laodamante, o motivo de assim me atirares remoques?  
De preferência a desporto, meu peito dá abrigo a tristezas,  
que hei tantos males e tanto infortúnio contínuo sofrido.  
Ora me encontro no vosso congresso, a esperar que me enviem  
de volta à pátria, a implorar o regente e, com ele, o seu povo.”  
Lança-lhe Euríalo a réplica, então, da seguinte maneira:  
“Hóspede não te assemelhas a um homem, que entenda de jogos,  
160 como é costume entre as gentes, que folgam no seu exercício,  
mas ao que folga viajar em galeras, de bancos providas,  
chefe de chusmas, que vive a mercar, tão-somente, nos barcos,  
só tendo em mente o seu lucro e o que possa trazer de tornada,  
ganho com fraude. De fato, não tens aparência de atleta.”  
Com torvo aspecto lhe disse Odisseu, o guerreiro solerte:  
“Não te expressaste com senso; assemelhas-te a homem protervo.  
Bem se depreende que os deuses não cedem a todos os homens  
dons primorosos, ou seja na forma, no engenho, ou eloquência.  
Este, na forma exterior, pode ser de aparência somenos,  
170 mas recompensam-no os deuses com o dom da palavra; os que o vêem  
sentem prazer indizível, pois ele, com gesto seguro,  
sempre se expressa modesto e se exalta da turba indistinta.  
Se pelas ruas passeia, honrarias divinas recolhe.  
Aos imortais outros são, na aparência exterior, semelhantes,  
mas são privados seus ditos da graça, que os torna aceitáveis,  
tal como tu; na aparência sem mácula; doutra maneira  
nem mesmo um deus te gerara; mas frívolo tens o intelecto.  
Eis que fizeste abalar-me no peito com teus ditos fúteis  
o coração; inexperto não sou, como inculcas maligno,  
180 em nenhum jogo. Ufanava-me, é certo, de ser dos primeiros,  
quando confiava no viço da idade e na força do braço.  
Hoje, os trabalhos e as dores me abatem, que muito hei sofrido,  
tanto nas lutas dos homens, bem como nas ondas penosas.  
Seja, porém! Apesar do sofrer que refiro, desejo

exp’rimentar-me; tua fala mordaz conseguiu decidir-me.”  
Disse; e assim mesmo vestido com o manto, tomou dum dos discos,  
bem mais espesso e maior, e de peso excedente ao dos outros  
quantos folgavam jogar os Feácios amantes do remo.  
Fê-lo girar à sua volta e soltou-o da mão poderosa.  
190 Zune o projétil; admiram-se todos no campo dos jogos,  
esses Feácios amantes do remo e famosos nos mares,  
ante a violência do tiro, pois todas as marcas dos outros  
ultrapassou, ao soltar-se do punho. Sob forma de um homem,  
Palas Atena coloca o sinal e, falando, lhe disse:  
“Hóspede, até mesmo um cego o sinal acertar poderia  
só com o tato, porque não se encontra no meio dos outros,  
mas muito à frente. Coragem, portanto, que, aqui, já venceste.  
Tanto, os Feácios não jogam; jamais poderão superar-te.”  
Disse: alegrou-se o divino Odisseu, sofredor de trabalhos,  
200 ao perceber que nos jogos alguém se encontrava ao seu lado.  
E, para os Feácios voltando-se, diz, aliviado, o seguinte:  
“Vamos, rapazes! Tão longe acertai, pois em breve pretendo  
com outro lanço alcançar esse ponto, ou, quiçá, outro adiante.  
Quanto aos demais exercícios, quem quer que se atreva a compita,  
venha medir-se comigo, já que me irritastes sobejo.  
No pugilato, ou na luta, ou nos pés, a nenhum me recuso;  
lanço o meu repto a qualquer, excetuando o viril Laodamante.  
Hóspede sou em sua casa; quem quer com o amigo medir-se?  
Somente um tolo, por certo, e privado de vez do bom senso,  
210 fora da pátria, como eu neste instante, ousará pôr-se em luta  
com quem o hospeda, a si mesmo se expondo a funesto perigo.  
Quanto aos demais, não recuso ninguém, nem lhe lanço desprezo;  
sim, conhecê-los desejo e, também, face a face prová-los.  
Não sou bisonho em nenhum desses jogos, que os homens aprovam;  
sei manejar, como poucos, o arco lavrado e brunido;  
posso acertar em qualquer, que se encontre nas filas cerradas  
dos inimigos, embora ao meu lado, também, muitos outros  
dos companheiros atirem. Primeiro que todos o atinjo.  
Só Filoctetes podia gabar-se de no arco exceder-me,

220quando os Aquivos seus arcos usavam nas plagas de Tróia.

Forte e prestante me prezo de ser muito mais do que quantos nos dias de hoje se arrastam no solo e de pão se alimentam. Quanto aos heróis primitivos, não quero medir-me com eles, nem o grande Êurito, nado na Ecália, nem mesmo o forte Hércules, que se mediram no tiro até mesmo com os deuses eternos. Êurito, o grande, porém, morreu cedo; não viu a velhice em sua casa, que Apolo, indignado, o privou da existência, pois lhe lançara insensato, um cartel para a prova do tiro.

Quanto ao remesso da lança, ultrapasso a baliza do archeiro.

230Temo, somente, que possam no curso vencer-me os Feácios; terrivelmente me sinto abatido das ondas infindas,

visto faltar-me constante o exercício na nave em que estive todo esse tempo; cansados e frouxos os músculos sinto.”

Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram; somente Alcínoo lhe disse, em respostas, as seguintes palavras:

“Hóspede, as tuas palavras em nada nos causam desgosto.

Queres mostrar-nos, sem dúvida, qual o valor que te é próprio, mui justamente zangado por veres que alguém te magoa nos nossos jogos. Ninguém, que costume falar com prudência,

240o teu falar, estrangeiro, tachar poderia de nulo.

Ora atenção me concede que possas as minhas palavras a outros heróis transmitir, quando em casa estiveres de novo banquetecendo-te ao lado da esposa querida e dos filhos, e te lembrares de nossos primores, de tudo o que viste, tal como Zeus cultivar nos permite de tempos avitos.

No pugilato não nos distinguimos, nem mesmo na luta, mas na carreira veloz e em navios de rápido curso.

Sempre prezamos o toque da cítara, a dança e os banquetes, vestes poder variar, banhos quentes e leito macio.

250Eia, Feácios, que vos distinguis no compasso das danças, dai logo início a elas todas, que o hóspede aos seus anuncie, quando à sua pátria voltar, a que ponto aos demais superamos, não só no remo, senão na carreira, na dança e no canto.

Tragam, também, sem demora a Demódoco sua harpa sonora,

que, porventura, se encontra num canto qualquer do palácio.”

Tais as palavras de Alcínoo deiforme. Entrementes, o arauto corre a buscar no interior do palácio o cavado instrumento.

Nove juízes preclaros, também, se levantam agora, entre os do povo, que tudo dispõem segundo os preceitos.

260Plano o terreno da dança deixaram o livre do povo.

Já pelo arauto trazido, chegava o instrumento canoro, para o cantor; a seguir, até o meio Demódoco avança; cercam-no jovens em flor, sabedores dos passos da dança.

Batem com os pés sobre solo divino. Odisseu admirava no coração bem formado as pancadas dos pés, bem ritmadas.

Toma o cantor do instrumento e começa a cantar os amores de Ares, o deus poderoso, e Afrodite do belo diadema, e como dentro da casa de Hefesto consegue a ela unir-se às escondidas. Presentes lhe dá, té que o leito enxovalha

270do soberano. Mas Hélio foi pronto em trazer a notícia, pois tudo vira de longe e os amores dos dois presenciara.

Logo que soube a notícia pungente, atirou-se o ferreiro para a oficina, a volver dentro da alma um conceito sinistro.

Põe sobre o cepo a bigorna tamanha, e cadeias apresta tão infrangíveis quão fortes, a fim de que os dois fossem presos.

Mal concluiu a armadilha, lembrado colérico de Ares, foi para o quarto, onde armado se achava o seu leito querido; põe as cadeias em círculo, a apanhar a armação por completo, outras, também, penduradas do teto e a cair para o solo,

280tal como teia de aranha, que nunca ninguém percebesse, nem mesmo os deuses beatos, com tanto artifício as urdira.

Logo que a rede invisível à volta do leito distende, finge que vai para Lemno, cidade de bela estrutura, que mais prezava entre quantas na face da terra existiam.

Mas não vigiava debalde a deidade que traz rédeas de ouro, Ares, ao ver que já Hefesto, o ferreiro famoso, saíra.

Cheio de ardor, para unir-se à Citeréia de bela coroa, logo procura a morada de Hefesto, o notável ferreiro.

Ela chegara de pouco da casa do pai, o fortíssimo

290 Cronida, e sentada se achava, quando Ares entrou no quarto.  
Com gracioso mêncio lhe toma da mão e lhe fala:  
“Vamos, querida, ao prazer inefável do leito entregar-nos.  
Não se acha em casa o ferreiro; a estas horas se encontra a caminho  
do povo Síntio de língua travada, que em Lemno demora.”  
Isso falou. De bom grado resolve subir para o leito,  
onde ambos, logo, se foram deitar; mas, de súbito, a rede  
artificiosa os colheu, por Hefesto astucioso aprestada,  
sem que pudessem mover um só membro, ou, sequer, levantar-se.  
Força lhes foi concordar que era inútil tentar a fuga.

300 Eis que lhes surge na frente a figura do coxo notável,  
já de retorno da estrada, que a Lemno não tinha chegado.  
Hélio de guarda ficara por ele, e contara o ocorrido.  
Aproximou-se de casa, a sentir grande angústia no peito;  
fica de pé na soleira e, de cólera cheio, rebenta  
num grande grito, espantoso, que todos os deuses ouviram:  
“Zeus pai! E vós, ó bem-aventuradas deidades eternas,  
vinde assistir a espetáclo que, sobre risível e indigno,  
é insuportável. A filha de Zeus, Afrodite, não cessa  
de desonrar-me com Ares nocivo, por ver sou coxo.

310 A Ares nocivo ela tem afeição, por ser belo e bem-feito;  
eu, nasci coxo e mal feito; mas culpa não tenho de tanto;  
sim, meus dois pais; melhor fora se nunca me houvessem gerado.  
Vede esses dois, como dormem, nos laços do amor abraçados,  
tendo ao meu leito subido, espetáculo aos olhos odioso.  
Mas quero crer que não hão de jazer por mais tempo na cama,  
mesmo que se amem muitíssimo; em breve não mais terão gosto  
de repousar. Com cadeias e astúcia detidos os tenho,  
té que seu pai me devolva os presentes que eu dei, como dote,  
quanto paguei pela compra da filha de olhar impudente,

320 que se, de fato, é bonita, carece, realmente, de pejo.”  
Disse; os mais deuses afluíram à casa de sólio de bronze.  
Veio Posido que a terra sacode; depois chegou Hermes,  
o que traz sorte; e Apolo certo, que as setas remessa.  
Só se abstiveram as deusas mimosas, que pejo sentiram.

Eis que ao vestibulo os deuses já chegam, dadores de prendas.  
Ao contemplar o artifício, que Hefesto astucioso forjara,  
em gargalhada atroante romperam os deuses beatos.  
Entanto, um deles aos outros se inclina, e maldoso profere:  
“Vício nenhum produz bem; ao veloz vencer pode o moroso;  
330 tal como Hefesto que, embora claudique, alcançou facilmente  
Ares, que todos os deuses do Olimpo ultrapassa no curso.  
Coxo, de fato, mas hábil; a multa vai o outro pagar-lhe.”  
Dessa maneira, em colóquio, entre si tais conceitos diziam.  
Disse para Hermes Apolo, nascido Zeus, o seguinte:  
“Hermes, ó filho de Zeus, mensageiro e dador de presentes,  
desejarias sentir-te enleado nas fortes cadeias,  
tendo ao teu lado, deitada no leito, a divina Afrodite?”  
Dando-lhe logo a resposta, retruca-lhe o guia brilhante:  
“Ó Rei Apolo, que longe remessas as setas, prouvera  
340 que tal se desse, com três vezes mais desses elos em torno,  
e os deuses todos e as deusas à volta estívésseis olhando,  
contanto que me deitasse no leito com a áurea Afrodite.”  
Num cascalhar de risadas os deuses eternos rebentam.  
Entre eles todos, somente Posido não ria, pedindo  
ao fabro Hefesto notável que de Ares os elos tirasse.  
E, começando a falar, lhe dirige as palavras aladas:  
“Solta-o; prometo, na frente dos deuses, que a soma devida  
paga terás dentro em breve, conforme o desejas e é justo.”  
Disse-lhe, então, em resposta, o deus coxo e notável artista:  
350 “Ó deus Posido, que a terra sacodes, não mandes tal coisa!  
Frac demais é a palavra, se um grande a um pequeno se empenha.  
Como é possível que eu venha a obrigar-te perante os mais deuses,  
uma vez que Ares consiga da multa e dos elos livrar-se?”  
Disse-lhe, entanto, Posido, que a terra, violento, sacode:  
“Mesmo que do ônus da dívida, Hefesto, possa Ares livrar-se,  
por não pagá-la, prometo que eu mesmo por ela respondo.”  
Disse-lhe, então, em resposta, o deus coxo de braços possantes:  
“Não fica bem recusar-me a aceitar o penhor, que apresentas.”  
Tendo isso dito, soltou as cadeias a força de Hefesto.



360 Logo que os dois se sentiram libertos dos fortes liames,  
eis que de pé se puseram. Na rota de Trácia atirou-se  
Ares, ao passo que a Chipre Afrodite, dos risos amante,  
foi, onde em Pafos se encontram seus bosques e altar rescendente.  
Logo depois de a banharem e ungirem as Graças com óleo  
sacro e perene, tal como se evola do corpo dos deuses,  
ricos vestidos lhe vestem, que a vista de todos encanta.  
Dessa maneira cantava o notável aedo. Em sua alma  
muito folgava Odisseu ao ouvi-lo cantar, assim como  
todos os nautas Feácios, que os remos compridos manejam.

370 Manda o monarca que Alio e o viril Laodamante sozinhos  
fossem bailar, pois ninguém poderia com eles medir-se.  
Braços estendem sem mora, e da bola bonita e purpúrea  
pegam, que Pólipo, o sábio para eles com arte fizera.  
Lança-a um dos dois contra as nuvens escuras, enquanto, inclinando-se  
bem para trás, consegue o outro apanhá-la ainda em cima, num salto,  
antes de haver, de retorno, tocado com os pés no chão duro.  
Tendo assim, pois comprovado a perícia no lanço da bola,  
passam, então, a bailar sobre a terra fecunda, trocando  
vezes sem conta de posto. Rapazes batiam compasso

380 dentro do campo dos jogos, atroando com os baques a terra.  
Vira-se, então, o divino Odisseu para Alcínoo e lhe fala:  
“Ó rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo!  
Vangloriaste-te certo, de serdes na dança os mais hábeis.  
Eis que o provaste sobejo; pasmado contemplo isso tudo.”  
Disse; alegrou-se, com isso, o sagrado poder do alto Alcínoo;  
Volta-se para os Feácios, amigos do remo, e lhes fala:  
“Ora escutai-me, Feácios, que sois conselheiros e guias;  
muito sensato parece-me ser o estrangeiro, que vedes.  
Como do estilo, os presentes da hospitalidade aprestemos.

390 Doze regentes ilustres aqui participam do mando,  
chefes de tribos; o número treze por mim é perfeito.  
Cada um de vós traga um manto bem limpo, assim como uma túnica,  
de ouro um talento, também, do mais puro e prezado entre todos,  
para que um monte façamos, e o ilustre estrangeiro nos braços

tudo receba, e contente depois ao banquete nos siga.  
Reconcilie-se Euríalo logo, com termos corteses  
e com presentes, porque não falou como impõe a justiça.”  
Isso disse ele. Aplaudiram-no todos os chefes, mandando  
logo os arautos buscar os objetos aqui nomeados.

400 Mas, nisso, Euríalo toma a palavra e lhe diz, por seu lado:  
“Ó rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo!  
Reconciliar-me com o hóspede quero eu também, atendendo-te.  
Dou-lhe esta espada, que é toda de bronze, com punho de prata,  
e com bainha de puro marfim, entalhada a capricho,  
há pouco tempo; ser-lhe-á, com certeza, presente de preço.”  
Disse; e nas mãos de Odisseu pôs a espada de cravos de prata  
ao tempo em que lhe dizia as seguintes palavras aladas:  
“Hóspede pai, sê feliz! Se algum dito insensato me ouviste,  
grave e ofensivo, que seja desfeito no sopro dos ventos.

410 Dêem-te os deuses rever a tua pátria, assim como a consorte,  
pois sofrimentos, há muito, suportas, distante de casa.”  
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o solerte guerreiro:  
“Eu te saúdo, também, nobre amigo; que os deuses te dêem  
bens sem medida, e que falta jamais possas ter desta espada  
para o futuro, que acabas de dar-me num gesto amigável.”  
Disse, e pendura dos ombros a espada com cravos de prata.  
Punha-se o Sol nesse tempo; os presentes em barda afluíam,  
quanto os ilustres arautos trouxeram de dentro da casa,  
que pelos filhos notáveis de Alcínoo vão sendo amontoados

420 onde sua mãe veneranda se achava. Eram dádivas grandes.  
Eis que aos demais já conduz o sagrado poder do alto Alcínoo  
para o interior, assentando-se todos nos tronos excelsos.  
Vira-se, então, para a esposa o sagrado poder do alto Alcínoo:  
“Dá-me, ó querida, uma caixa, a mais rica e melhor que possúes.  
Dentro coloca tu própria um bom manto lavado e uma túnica.  
Ponham, depois, a caldeira no fogo, porque água aqueçamos,  
para que, ao vir do banheiro, contemple o estrangeiro os presentes  
de que os magnânimos Feácios houveram por bem cumulá-lo,  
e também folgue na mesa e as cantigas do aedo aprecie.

430 Por minha parte, esta copa lhe oferto, de entalhe finíssimo  
e toda de ouro, que o faça em seus dias de mim recordar-se,  
sempre que a Zeus ele em casa libar e às deidades eternas.”  
Isso disse ele. Às criadas Arete ordenou em seguida  
pôr, sem nenhuma detença, no fogo uma trípode grande.  
Põem, de fato, a chaleira de banho nas brasas ardentes,  
enchem-na de água até a boca, queimando ao redor muita lenha;  
lambem as chamas o bojo da trípode; aquece-se o líquido.  
Nesse entrementes Arete trazia de dentro do quarto,  
para o estrangeiro, um baú; nele pôs os presentes valiosos,  
440 de ouro e indumentos, as dádivas todas dos nobres Feácios.  
Pôs, também, dentro, uma túnica e, junto com esta, um bom manto.  
Para Odisseu ela, então, as palavras aladas dirige:  
“Nota tu próprio o feitio da tampa e lhe passa um bom laço,  
de forma tal que ninguém no caminho te lese, ainda mesmo  
que durmas sono agradável, de novo, no escuro navio.”  
Tendo Odisseu, sofredor de trabalhos, ouvido o que disse,  
exp’rimentou logo a tampa da caixa e laçada passou-lhe  
mui complicada, que outrora aprendera com Circe divina.  
A despenseira, no mesmo momento, a subir o convida  
450 para banhar-se. Of’receu-se-lhe, então, o espetác’lo inefável  
do banho quente, que, havia há muito, não tinha provado,  
dês que deixara Calipso, de belos cabelos. Lá mesmo  
trato mimoso tivera, tal como se fosse um dos deuses.  
Logo que as servas o banho lhe deram e o ungiram com óleo  
e lhe puseram nos ombros um manto de lã sobre a túnica,  
foi Odisseu para o meio dos homens, que vinho bebiam.  
Junto do umbral de feitura mui sólida estava Nausícaa,  
a predileta dos deuses, que forma perfeita lhe deram.  
Ao contemplar o guerreiro Odisseu, admirou-se bastante  
460 e, para ele voltada, lhe disse as palavras aladas:  
“Salve, estrangeiro! Ao te vires de novo na pátria querida,  
lembra-te sempre de mim, a quem deves primeiro a hospedagem.”  
Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o solerte guerreiro:  
“Filha de Alcínoo, o guerreiro de espírito grande, Nausícaa:

se Zeus, o de Hera marido, dotado de voz retumbante,  
me conceder o retorno, podendo eu rever meu palácio,  
diariamente hei de ter-te presente na minha memória  
como se deusa tu fosses, que a vida me deste, ó donzela!”  
Disse, e no trono assentou-se, que ao lado de Alcínoo se achava.  
470 Postas arautos já cortam, assim como o vinho misturam.  
Por outro arauto trazido, o divino cantor já chegava,  
que tanto o povo acatava, Demódoco. Fazem-no logo,  
junto de uma alta coluna assentar-se, no meio dos hóspedes.  
Vira-se, então, o astucioso Odisseu para o arauto, ali perto;  
corta um pedaço do lombo de porco de dentes recurvos  
com bem gordura e, a seguir, um maior para si põe de parte:  
“Leva esta posta, ó rapaz, a Demódoco, para que coma;  
conquanto aflito, desejo, também, homenagem prestar-lhe.  
Todos os homens que vivem no dorso da terra, os cantores  
480 sabem cultivar e os veneram, por verem que as Musas os prezam  
como a discípulos. Todos a casta dos bardos prezamos.”  
Isso disse ele ao arauto, que a posta nas mãos logo entrega  
do herói Demódoco. Muito com isso o cantor fica alegre.  
Todos as mãos estendiam, visando a alcançar as viandas.  
Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado,  
vira-se para Demódoco o astuto Odisseu e lhe fala:  
“Mais do que a todos os outros mortais, te venero, ó Demódoco!  
Foste discíp’lo das Musas, as filhas de Zeus, ou de Apolo?  
Tão verazmente cantaste as desgraças dos homens Aquivos,  
490 quanto fizeram, trabalhos vencidos, e o mais que sofreram,  
como se o visses tu próprio, ou soubesses de alguém fidedigno.  
Ora começa de novo, e o cavalo de pau nos invoca,  
que por Epeio foi feito com a ajuda de Palas Atena,  
esse, que o divo Odisseu com astúcia pôs dentro de Tróia,  
cheio de heróis destemidos, que os muros sagrados saquearam.  
Caso consigas cantar isso tudo de acordo com os fatos,  
logo darei testemunho perante o universo dos homens  
que recebeste de um deus benfazejo a divina cantiga.”  
Disse. O cantor, por um deus inspirado, dá logo começo,

500tendo tomado do ponto em que, entrados nas naus bem cobertas,  
velas desfraldam, depois de nas tendas o fogo lançarem,  
no tempo em que muitos se achavam na praça de Tróia  
junto do mais famoso Odisseu, e escondidos no bojo  
desse cavalo, que os próprios Troianos à acrópole tiram.  
Ei-lo na praça; a redor se cruzavam diversas propostas,  
desencontradas. Mas três agradaram, por fim, no conselho:  
ou desfazer o cavado madeiro com bronze impiedoso,  
ou conduzi-lo para o alto da rocha e no abismo atirá-lo,  
ou, qual imagem propícia, esperar que os divinos placasse,  
510tal como logo depois decidiram que assim fosse feito,  
pois o Destino assentara que fosse assolada a cidade,  
quando abrigasse o possante cavalo, que tinha no bojo  
fortes Aquivos, que a Morte e o extermínio aos Troianos levaram.  
Diz, a seguir, como a saco a cidade os Aqueus logo põem,  
quando saíram da cava emboscada do bojo do monstro;  
vão por caminhos diversos pilhar a cidade soberba,  
indo Odisseu, que com Ares compete no aspecto, ajudado  
por Menelau, procurar o palácio onde mora Deífobo.  
Disse, também, como ali num combate mui grande vencera  
520um contendor, pela ajuda que teve de Atena magnânima.  
Isso narrava o famoso cantor. Odisseu, entrementes,  
liquefazia-se em lágrimas, tendo banhadas as faces,  
como mulher abraçada no corpo do caro marido  
que sucumbisse a lutar junto aos muros e seus moradores,  
a defendê-la e a seus filhos da sorte do dia impiedoso.  
Vê que se agita em finais convulsões e que o termo está próximo;  
grita, estridente, e se atira sobre ele; mas já os inimigos  
vêm por detrás e a golpeiam com lanças nos ombros e espaldas,  
e como escrava a carregam, porque sofrimentos padeça.  
530Fanam-se as faces da mísera em tanto sofrer incontido:  
lágrimas comovedoras, também, Odisseu derramava.  
Dos convidados nenhum lhe observou a fluência das lágrimas,  
com exceção só de Alcínoo, que atento notara o ocorrido,  
pois se encontrava ao seu lado e lhe ouvia os gemidos do peito.

Logo a seguir os Feácios, amantes do remo, concita:  
“Vós, conselheiros e guias do povo Feácio, escutai-me!  
Ora Demódoco faça calar o instrumento sonoro.  
Nem para todos, que estamos à mesa, é prazer escutá-lo.  
Desde que a cear começamos e o divo cantor, seu relato,  
540não tem cessado este nosso conviva de dar aos soluços  
larga expansão. Grande dor, certamente, angustia-lhe o peito.  
Pare, portanto, o cantor, porque alegres fiquemos nós todos,  
sem exceção, o estrangeiro e os de casa; que assim é mais certo.  
Foi por sua causa, somente, que a festa e as canções promovemos,  
os gratos dons e o retorno, o que damos por pura amizade.  
Um peregrino mendigo a um irmão equivale, por certo,  
para quem quer que no peito a centelha conserve do espírito.  
Mas não procure agora esquivar-te com frases ambíguas  
ao perguntar-lhe o que intento; é mais belo que assim me respondas.  
Dize teu nome, e de como o teu pai e tua mãe te nomeiam  
550na tua pátria, assim como os vizinhos, que em volta demoram.  
Não há ninguém desprovido de nome na face da terra,  
desde que nasce, quer seja de nobre prosápia, ou do povo.  
Sim, desde início se afanam na escolha do nome seus pais.  
Quero, também, que me digas a terra, a cidade e teu povo,  
para que a nau te conduza, mercê do seu próprio intelecto,  
pois os navios dos homens Feácios diferem dos outros.  
De timoneiro não têm precisão, nem de leme tampouco,  
mas compreendem dos homens o espírito e, assim, seus desígnios  
560onde as cidades se encontram, bem como as campinas mui férteis  
dos homens todos, cortando velozes a fúria dos mares,  
mesmo que nuvens ou densa neblina os envolva. Não, nunca  
riscos terão de correr, quer prejuízos, quer mesmo naufrágios.  
Ainda me lembro de ter de Nausítoo, meu pai, escutado  
que contra nós agastado seria Posido, por causa  
de condução concedermos a todos, sem riscos correremos.  
Disse que um dia faria afundar na caligem do ponto  
nau benfeitora dos homens Feácios, ao vir de tornada,  
e que a cidade seria cercada por altas montanhas.

570 Nesse teor disse o velho. Mas se a profecia se cumpre  
certa, ou se deixa de ser realizada, do deus, só, depende.  
Vamos! Agora nos fala e responde conforme a verdade.  
Aonde atirado tu foste e a que terras, vagando, chegaste,  
seus habitantes, e assim as cidades de boas moradas,  
como, também, se eram broncos selvagens e às leis sempre infensos,  
ou, porventura, se amigos de estranhos e aos deuses submissos.  
Conta, também, o motivo de tanto afligir-te o imo peito  
ao escutares desgraças de Tróia, dos Dânaos e Argivos.  
Obra dos deuses foi tudo, que aos homens a ruína teceram,  
580 para que nunca aos vindoiros faltasse matéria de canto.  
Dar-se-á que te haja na guerra de Tróia morrido um parente  
de grande mérito, genro, talvez, ou, talvez mesmo, sogro,  
os que mais caros nos são logo após aos afins pelo sangue?  
Ou mesmo algum companheiro, com quem te afeiçoasses, de muito  
merecimento? Porque não julgamos de menos valia  
que ao próprio irmão, ao amigo dotado de espírito cauto.”

## Canto IX

### O RELATO DE ODISSEU

### CÍCONOS, LOTÓFAGOS E O CICLOPE

“Este canto contém o início do grande *Relato*: como zarpou Odisseu de Ítaca primeiro chegando à terra dos Cíconos, e pilharam a cidade, junto ao mar, chamada Ismaro. Passaram então por Maleia, extremidade da Lacônia, onde um forte vento levou-os para além de um grande pélagos e chegam à terra dos Lotófagos. Depois chegam ao Ciclope. A grande parte da tropa permanece junto à Ilha ... mas o Ciclope que foi cego, Polifemo, come seis dos doze que o acompanharam.” (Scolie H Q ... E P)

Disse-lhe, então, em resposta, Odisseu, o guerreiro solerte:  
“Ó rei Alcínoo, entre todos ilustre e ornamento do povo!  
É delicioso, de fato, podermos ouvir tão sublime  
e inolvidável cantor, cuja voz se assemelha à dos deuses.  
Sim, digo mesmo que a nada se pode aspirar de mais alto